

# A compreensão dos clíticos átonos de 3ª pessoa por crianças do primeiro ciclo

José Carlos Vieira Júnior<sup>1</sup>

UFES / Capes

Vitória, Espírito Santo, Brasil

[professor.juniorvieira@gmail.com](mailto:professor.juniorvieira@gmail.com)

## RESUMO

Vários estudos apontam um contínuo desuso dos clíticos de 3ª pessoa (*lhe, o, a, os, as* e suas variantes) na modalidade oral do Português Brasileiro (PB), sendo substituídos pelo pronome reto, pelo objeto nulo ou pela repetição do sintagma a que eles fazem referência. Por outro lado, os clíticos de 3ª pessoa aparecem comumente em textos escritos veiculados pela mídia, bem como nos estilos mais formais da língua falada, o que faz com que esses elementos constem dos programas da disciplina Língua Portuguesa, nas escolas brasileiras. Dessa feita, esta pesquisa tem por objetivo descrever esse processo de aprendizagem do ponto de vista linguístico e social, procurando investigar como as crianças interpretam o uso dessas formas – *e*, por conseguinte, da variedade padrão da língua –, e se *e/ou* como a escola favorece a aprendizagem dessas formas. Para respondermos a essas perguntas, procedemos a uma pesquisa sociolinguística variacionista, que analisa os fatores linguísticos e sociais que influenciam essa aprendizagem. Para tanto, esses elementos foram trabalhados gradualmente durante um ano letivo, de forma que os alunos internalizassem seu uso. Assim, o corpus desta pesquisa compõe-se de textos escritos livremente e de testes de compreensão – que visava verificar a compreensão dos clíticos presentes em textos infantis – e de desempenho – que consistia na substituição de expressões pelos clíticos adequados. Os dados foram colhidos em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental durante 10 meses letivos, numa escola pública de Belo Horizonte, Minas Gerais, cujos alunos pertencem a diferentes níveis socioeconômicos. Os primeiros resultados obtidos revelam que os alunos, independentemente de sua origem social, conseguem compreender os clíticos; entretanto, há a tendência de as meninas da classe socioeconômica favorecida se saírem melhor que os demais sujeitos, confirmando outras pesquisas sociolinguísticas.

## INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem, da segunda língua e a aprendizagem de estruturas da variedade padrão do português são temas que há muito vêm despertando o interesse de pesquisadores de diversas áreas, como a psicologia, a linguística, a sociolinguística etc., gerando um grande número de estudos sobre esses assuntos.

O processo de aprendizagem do dialeto padrão do português é básico para a realidade brasileira, visto que ele é um dos pontos-chave para os problemas da educação e da promoção social e melhoria da qualidade de vida de milhões de pessoas no Brasil. Bortoni-Ricardo (1984) nos alerta para as dificuldades que têm os que não falam o dialeto padrão do português para entenderem o que é veiculado na mídia, dificultando sua inserção na sociedade e sua participação na vida do país.

Com relação à escola, sabemos, por teoria e pela prática, das dificuldades por que passam as crianças de classes socialmente desfavorecidas, resultando em frustração para alunos, pais e professores. Esse quadro levou Soares (1989) a defender uma educação bidialetal (nos moldes da educação bilíngue, aplicada em países ricos com grande número de imigrantes) para escolas públicas que atendessem a essas crianças. Labov (1964), ao pesquisar a aquisição do inglês padrão e deparando com a incapacidade de alunos de classe baixa em aprender essa variedade, afirma que, para se resolverem os problemas educacionais, é preciso descrever o dialeto falado pela comunidade e estudar como se dá o processo de aquisição do inglês *standard*.

O que ocorre com as classes baixas em Nova York, relatado por Labov, não é diferente do que acontece no Brasil. Mesmo estando amplamente expostos, por vários anos, à linguagem culta, pelos meios de comunicação de massa e pela escolarização, muitos adultos da classe baixa não conseguem produzir textos escritos *e/ou* orais de

acordo com as normas do português padrão. Assim, as duas tarefas propostas por Labov a educadores e linguistas aplicam-se também a nós.

Dentre as principais diferenças entre as variedades padrão e não-padrão do português do Brasil, os clíticos são dos mais interessantes, pois estão em desuso na linguagem coloquial, mesmo dos brasileiros cultos (Lemle, 1985; Duarte, 1989; Tarallo, 1994; Lobo, 1995; Nunes, 1995), que preferem substituí-los por sintagmas nominais, pela categoria vazia de objeto direto ou pelo uso do pronome reto. Por outro lado, eles são usados em situações formais de fala e na língua escrita; inclusive, seu uso é bastante comum em filmes e livros infantis e em desenhos animados, o que faz com que crianças de todas as classes deparem com eles desde cedo, como podemos ver nos exemplos a seguir.

- Chamaram Cinderela para **LHE** pedir sua opinião, pois ela tinha muito bom gosto. A moça aconselhou-**AS** o melhor que pode e até se ofereceu para penteá-**LAS**, o que elas aceitaram prazerosamente. (PERRAULT, C. *Contos de Perrault*, Belo Horizonte: Itatiaia, s/d, p. 114)

- Uma vez mais, Timóteo arranhou um jeito de animar Dumbo. Ele **O** levou para ver sua mãe. “Oba!” – Bambi gritou. Mas assim que pisou no gelo, ele perdeu o equilíbrio e caiu. (Disney. *Clássicos favoritos de todos os tempos*. EUA, Ed. Brimar, s/d, p. 94)

- Tambor **O** ajudou a se levantar. (Disney. *Clássicos favoritos de todos os tempos*. EUA, Ed. Brimar, s/d, p. 224)

Assim, podemos perguntar: por que esse traço característico do dialeto padrão (DUARTE, op. cit.) aparece tão pouco em textos escritos por crianças e adolescentes? Têm os alunos do Ensino Fundamental a

consciência de que os clíticos fazem parte da variedade culta da língua e que são próprios de textos formais? Sentem eles necessidade de aprender a usá-los? Como se dá essa aquisição? Quais fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem/dificultam a aquisição? A essas perguntas esta pesquisa pretende responder.

### REVISITANDO AS BIBLIOGRAFIAS

Pesquisas foram e têm sido feitas sobre a aquisição da linguagem e da segunda língua, estudando o tema sob diversas perspectivas (LABOV, 1964; SANTOS, 1997; AXT, 1997; NICOLAU, 1997; SIKANSKI, 1997; e inúmeros outros). Também os clíticos mereceram a atenção de muitos pesquisadores, que os estudaram principalmente do ponto de vista linguístico (FRANCHI e ILARI, 1986; GALVES, 1986 e 1990; DUARTE, 1989; FIGUEIREDO SILVA, 1989; NUNES, 1995; LOBO, 1995; ANDRADE, 1997; SANTOS, 2007; CASAGRANDE, 2007; AVERBURG, 2008; etc.).

Sob a perspectiva da Sociolinguística, dentre os estudos realizados sobre aquisição e sobre clíticos, dois interessam mais de perto a esta pesquisa: Labov (1964) e Lobo (1995), respectivamente.

Em sua pesquisa de 1964, Labov estuda a aquisição do inglês padrão e aponta seis estágios na aquisição da totalidade do inglês falado:

- 1) *A gramática básica*, em que a criança, ainda sob a influência linguística dos pais, consegue dominar parte das principais regras gramaticais e do léxico do inglês falado.
- 2) *O vernáculo*, que, segundo o autor, é o estágio mais importante do ponto de vista da evolução da linguagem. Ele abrange crianças com idades entre 5 a 12 anos, que aprendem as regras de seu dialeto de acordo com o seu grupo de amigos e companheiros mais próximos.
- 3) *Percepção social*, que se inicia na adolescência. O falante aqui já tem a noção clara das implicações sociais de sua forma de falar.
- 4) *Varição estilística*. Neste estágio, o indivíduo já começa a aprender a modificar sua fala de acordo com o nível de formalidade da situação.
- 5) *O standard* consistente (a capacidade de manter o estilo *standard* de fala por um determinado período de tempo) e *Totalidade de amplitude* (a capacidade de expressar-se em vários estilos, conforme a ocasião). O autor afirma que poucos novaiorquinos conseguem um bom desempenho quanto a estes dois estágios: com 35 anos de idade, os falantes das classes mais baixas conseguiriam fazer uma autoavaliação, mas não teriam um desempenho satisfatório.

Outro dado importante do trabalho foi a demonstração de que outros fatores, além da distância entre a norma padrão e a não-padrão, estariam agindo para o baixo desempenho linguístico dos adultos. Para tentar explicar esse baixo desempenho, Labov elabora quatro hipóteses, sendo que duas são principais, para este trabalho: a) haveria problemas na interação entre professor e aluno, em que aquele estaria *ameaçando* o modo de falar deste; e b) haveria um conflito de sistemas de valor, gerado pela família e pelo grupo de amigos do adolescente – que rejeitam o padrão. Esse conflito traria como consequência a estigmatização da variante de prestígio pelas classes baixa e operária, além da incapacidade de muitos indivíduos se

expressarem de acordo com o inglês padrão, quando isso fosse necessário.

Em um estudo sobre jovens negros do Harlem/Nova York (Labov, 1972), o autor comprovou esse fato: os adolescentes adotavam o padrão de fala de seus companheiros para se sentirem pertencentes ao grupo. Esse trabalho veio ajudar a explicar determinados comportamentos linguísticos por parte daquele (e de outros) jovens.

Lobo (1995) também estuda a interferência de variáveis extralinguísticas – a norma padrão e a faixa etária – com relação a um traço da língua: os clíticos. Especificamente, a pesquisa tratou de verificar se havia ou não a concordância de falantes cultos com relação às regras de colocação dos pronomes átonos, ditadas pela gramática normativa. O trabalho também aborda a questão da consciência acerca do prestígio do uso dos clíticos por falantes entre 25 e 56 anos.

Os resultados mostraram que, embora os informantes tenham avaliado a colocação enclítica como sendo a mais formal e a de maior prestígio social, a ocorrência da ênclise em situações formais de fala foi muito baixa, principalmente com os informantes mais jovens. A pesquisa mostra que a concordância com a norma padrão em relação aos clíticos é inexistente por parte dos informantes de 25 a 35 anos. Esse dado caracterizaria a tendência de desaparecimento dessa variante e, assim, uma mudança linguística em curso (embora a escola, adotando as regras da gramática tradicional, freie o processo de mudança).

### A TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA

Os estudos linguísticos, em grande parte do século XX, foram fortemente influenciados por uma visão dicotômica da língua, estabelecendo-se a diferença entre língua, propriamente dita, e a fala, que é o uso que uma comunidade faz da língua; ou entre a competência *versus* o desempenho de um indivíduo. Em ambas as correntes, a língua é esvaziada de seu conteúdo social. Não interessavam a esses linguistas as questões acerca do uso, da variação e da influência social sobre um sistema linguístico. Pelo contrário, a língua é analisada como um todo homogêneo, falada por uma comunidade linguística uniforme.

Coube ao americano William Labov (1963) a projeção de um método para quantificar e analisar a variação existente nas línguas naturais. Anos mais tarde, as ideias de Labov embasaram a Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista.

Dessa forma, a Sociolinguística postula que a língua não pode ser vista sem os fatores sociais que a conformam. Para ela, ao lado dos fatores intralinguísticos, os fatores extralinguísticos ou sociais – gênero, idade, classe social, procedência geográfica, profissão, escolaridade etc. – influenciam a linguagem em determinada comunidade; por isso, ambos os tipos de fatores entram em cena, quando da análise dos fenômenos linguísticos.

Concordando com o pressuposto de que os fatores sociais conformam a linguagem de uma comunidade, adotamos o referencial teórico da Sociolinguística, para embasar nossas análises.

### COLETA DE DADOS: O CORPUS

Os sujeitos deste estudo são 20 crianças do atual 4º ano de uma escola pública de Belo Horizonte/MG. Tal escolha deveu-se aos seguintes fatores:

- a) Nesse nível escolar, os alunos já estão com o ciclo básico de alfabetização concluído, mas ainda não têm bastante domínio da língua escrita padrão, o que permite observar o processo de aprendizagem dos clíticos por eles;
- b) Na escola escolhida, numa mesma turma, há alunos provenientes de diversos meios, o que facilita a execução do trabalho;
- c) Os sujeitos foram alunos da própria pesquisadora; portanto, não houve as dificuldades advindas do distanciamento entre informantes e pesquisador. Essa situação privilegiou a coleta e auxiliou a análise dos dados.

O material de análise são textos escolares (narrações, relatos de viagem, histórias recontadas a partir de leituras orais etc.) que foram produzidos quinzenalmente em sala de aula, durante os meses de fevereiro a outubro de 2000. Ao longo desse período, os alunos foram expostos a diversos textos contendo clíticos; estes foram analisados em sala pela professora-pesquisadora, que explicitou seu uso sem mencionar regras ou nomenclatura, ou seja, sem que houvesse um ensino formal desses elementos. Além dos textos, também foram realizados testes, em que foi verificado se os alunos reconheciam e compreendiam os clíticos em textos escritos (teste de compreensão), e se eles conseguiam produzir estruturas com clíticos, quando isso lhes era pedido (teste de desempenho). Os testes consistem em textos extraídos de livros infantis e foram feitos em sala de aula, como parte do conteúdo programático, sem que a situação se configurasse como sendo de teste. Com eles, pretendemos observar o comportamento dos informantes com relação aos clíticos e as estratégias de tradução dos mesmos no dialeto não-padrão.

**OS DADOS**

Como dissemos, os dados foram retirados de textos produzidos livremente e de testes de compreensão e de desempenho. Foram realizados seis testes de compreensão durante o ano letivo e ao analisarmos todos os testes chegamos aos seguintes dados:

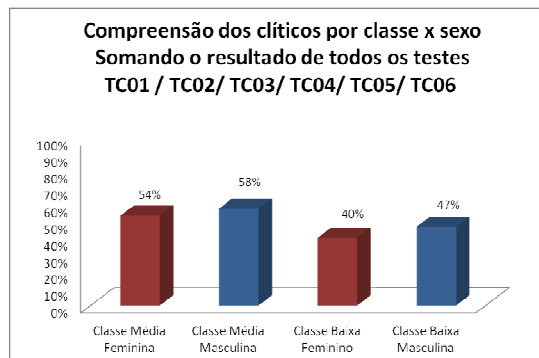


Gráfico 01 - Compreensão geral dos clíticos considerando todos os testes de compreensão.

O objetivo desse gráfico é mostrar o desenvolvimento de cada informantes agrupados por classe e sexo em percentuais. Com tais valores em mãos, construímos novos gráficos relacionados ao sexo e à classe do falante. Sendo

assim, foi possível inferir se tais fatores externos influenciavam na compreensão dos clíticos pelos indivíduos estudados. Conforme o gráfico, podemos ver que não existe diferença significativa ao visualizarmos o fator sexo, mas quando analisamos a classe a diferença aumenta um pouco.

O gráfico 02 demonstra a pequena diferença entre as classes sociais para o uso do clítico, reafirmando o que as pesquisas nos dizem sobre esse fenômeno: eles estão desaparecendo da língua e, conseqüentemente, são menos compreendidos, independentemente da classe.

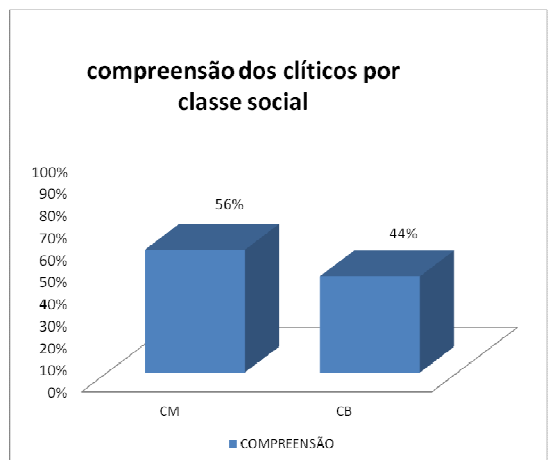


Gráfico 02 - Frequência de compreensão dos clíticos de terceira pessoa, por classe social.

Se levarmos em consideração o desaparecimento dos clíticos na fala, podemos postular que mais jovens tendem a perder este traço da linguagem formal e tenham dificuldade em usá-lo e, talvez, compreendê-lo. Mas se os clíticos praticamente não fazem parte do vernáculo da comunidade de fala do PB, fatores extra e intralinguísticos já não atuam significativamente para favorecer, ou não, o uso desse traço. Podemos considerar que os alunos utilizam outros mecanismos para compreensão e desempenho dos clíticos em atividades escolares.

Ao analisarmos todos os testes percebemos que os resultados foram aleatórios indicando que o teste pode ter influenciado no processo de compreensão dos clíticos, como exemplificado no gráfico abaixo:

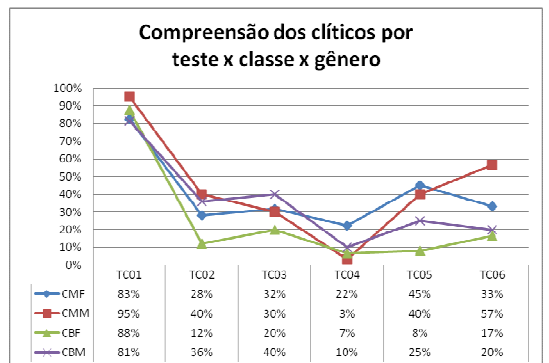


Gráfico 03 - Compreensão geral dos clíticos por teste x classe x gênero em ordem cronológica.

## CONCLUSÃO

Podemos concluir que o recurso das crianças para suprir a ausência dos clíticos na linguagem coloquial é muito mais contextual que gramatical. O valor simbólico do clítico perde força e dá lugar a recursos muito mais interessantes e cognitivamente mais complexos que agregar valor a um item sem carga semântica, quando analisado isoladamente. E, levando-se em conta indivíduos que estão em processo de amadurecimento linguístico, como diz Kato (1999), a falta de carga semântica pode ser um fator que contribui para mudar um item por outro.

Percebemos que indivíduos de classes mais altas têm alguma vantagem, seja pelo ambiente familiar, pela formação dos pais. Mas seria precoce afirmar algo a respeito, pois os valores percentuais dos dados entre classe média e baixa estão muito próximos para fazer essa afirmativa categórica como podemos perceber nas figuras 05 e 06. Então, a influência da classe na questão abordada ainda não está clara.

O importante é saber que muito se tem a pesquisar na área de aprendizagem da variedade padrão e de variação linguística, e que diversas áreas deveriam voltar seus olhos para esses processos, para que assim pudéssemos ter uma visão mais completa desse fenômeno.

Assim, presumimos contribuir com uma pequena luz sobre o tema e deixamos aqui um convite a pesquisadores de outras áreas da linguística, para investirem não somente na análise dos clíticos, mas também em outros processos de mudança em curso no PB e suas implicações na vida da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (org.) **A concepção da escrita pela criança**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 1992. P. 135-142.
- ANDRADE, T. C. O. C. C. A., **A criança: do arquirreflexo ao reflexivo um estudo sobre a aquisição em português**. 154f. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1997.
- AVERBUG, M. C. G. **Aquisição em Português Brasileiro: O Parâmetro do Objeto Nulo**. / Mayra Cristina Guimarães Averbug. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2008.
- AXT, M. Estratégias de compreensão de orações relativas por crianças brasileiras entre 5 e 9 anos de idade. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 33, n.2, p. 159-166, 1998.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Problemas de comunicação interdialetoal. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, p.9-32, jul./dez. 1984.
- CALVET, L.J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola. 2002
- CASAGRANDE, S. **A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro** 2007. 213f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2007.
- DUARTE, M.E.L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas, SP: Pontes: Ed. Da UNICAMP, 1989, 332p.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. Clíticos dativos com interpretação possessiva – um estudo. **Delta**, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 241-258, 1989.
- FRANCHI, C.; ILARI, R. Clíticos nominativos e inversão do sujeito em bielês. **Delta**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 77-103, 1986.
- GALVES, C. A interpretação *reflexiva* do pronome no português do Brasil. **Delta**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 249-264, 1986.
- KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1999
- \_\_\_\_\_. Ênclise e próclise: geometria ou álgebra, morfologia ou sintaxe? **Delta**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.255-271, 1990.
- \_\_\_\_\_. Princípios, parâmetros e aquisição da linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas**, n.29, p. 91-107, 1995.
- LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, M.S.V; NEVES, M. F. (org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974, p. 49-85.
- \_\_\_\_\_. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEMLE, M. Pronomes, anáforas, zero: observações sobre uma mudança linguística. **Delta**, Rio de Janeiro, v.1, n.1 e 2, p. 121-124, 1985.
- LOBO, T. O problema da colocação dos clíticos: variação estável ou mudança em curso? In: CARDOSO, S.A.M. (org.). **Diversidade Linguística**. Salvador: Ed. Universidade Federal da Bahia, 1995.
- NICOLAU, E. M. D. Sobre a aquisição do sistema de flexão do português do Brasil: a representação morfo-fonológica dos traços de pessoa e número nas gramáticas iniciais de crianças brasileiras. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 33, n.2, p. 191-202, 1998.
- NUNES, J. Ainda o famigerado SE. **Delta**, Rio de Janeiro, v. 11, n.2, p. 201-240, 1995.
- PERES, E. P. **Contato entre línguas: subsídios linguísticos para o ensino de língua portuguesa para bilíngües em português e espanhol**. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Faculdade de Educação, UFMG, 1999. 235 p.
- SANTOS, L. E. dos. **A realização do objeto indireto anafórico: uma questão de aprendizagem**: 2007. 101f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SANTOS, R.S. A aquisição da estrutura silábica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.33, n.2, p.91-98, 1998.
- SOARES, M.B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1994.